

2023.1



CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MANUAL

PESQUISA E PROCESSOS

EDUCATIVOS

APRESENTAÇÃO

A criação deste manual surgiu da necessidade em agrupar informações rápidas, precisas e fundamentadas na literatura sobre PESQUISA E PROCESSOS EDUCATIVOS.

O ato de pesquisar move o estudante à emancipação em relação aos estudos. Pesquisar amplia o sentido das experiências discente de modo que permite a distinção do que consideramos “senso-comum” para o “conhecimento científico”.

O trabalho do professor acadêmico consiste em libertar o aluno para que ele possua asas e possa por si mesmo explorar um mundo novo de descobertas científicas. O intuito é que, a partir deste momento, haja um reconhecimento do poder que o conhecimento agrega ao estudante e que isto seja fonte de contribuição para toda a sociedade.

Este manual pretende nortear os trabalhos relativos à pesquisa científica. Consideramos que este conteúdo seja apenas o início de grandes descobertas e que o material contribua significadamente na sua formação.

Ressalta-se, que os possíveis ajustes encontrados nesse material devem ser informados a coordenação do curso para as devidas adequações em edições futuras.

O aprofundamento e utilização dos conteúdos a seguir destacados, requer o desenvolvimento de habilidades intelectuais e técnicas de estudo que serão aprimoradas durante a trajetória acadêmica. Para potencializar essas habilidades no decorrer do curso, o educando em associação com professor necessita realizar a educação permanente sobre os aspectos envolvidos na prática durante o curso.

As eventuais dúvidas referentes aos conteúdos deverão ser tratados em sala de aula presencial. Por fim destacamos que o objetivo deste material é facilitar o aprendizado do(a) aluno(a) e possibilitar a comunicação padronizada entre o corpo docente e discente por meio de evidências científicas disponíveis na literatura, promovendo estudos em sala presencial e estudos dirigidos pelos Docente a serem realizados remotamente pelos discentes, com atividades complementares orientadas pelos professores.

A Coordenação

MISSÃO, VISÃO, PRINCÍPIOS E VALORES

Nossa Missão:

Ser uma instituição educacional formadora de cidadãos éticos, competentes, qualificados e preparados para o mercado de trabalho e para a vida, imbuídos de responsabilidade social e comprometidos com a preservação da cultura nacional e com o desenvolvimento sociocultural do Brasil, por meio da excelência do ensino superior, pesquisa e extensão.

Nossa Visão:

Ser uma instituição de referência em educação superior, reconhecida pela prática social responsável, comprometida com o desenvolvimento regional e a formação de profissionais com competência técnica e humanista.

Princípios e Valores:

Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

Formar recursos humanos nas áreas de conhecimento em que atuar, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, promovendo ações para sua formação continuada;

Incentivar práticas investigativas, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da criação e difusão da cultura e o entendimento do homem e do meio em que vive;

Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras normas de comunicação;

Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

Estimular o conhecimento dos problemas do mundo globalizado, e simultaneamente prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios da criação cultural e das práticas investigativas geradas na instituição;

Promover e incentivar a aplicação dos conhecimentos adquiridos e construídos a favor dos que mais precisam, com compromisso social.

FICHA TÉCNICA

Direção Geral: Profa. Dra. Idabel Nascimento da Silva

Coordenação do Curso: Profa. Dra. Idabel Nascimento da Silva

Professor(a): Profa. Dra. Idabel Nascimento da Silva

SUMÁRIO

METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO I

1	Introdução.....	01
2	Elementos Básicos da Pesquisa	07
3	Eventos Acadêmicos	18
4	Tipos Textuais	20

METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO II

1	Conhecimento do Senso Comum e conhecimento científico. 322	
	Linhas de Pesquisa	35
3	O projeto de pesquisa	38

METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO III

1	Apresentação	47
2	Estrutura do Artigo.....	52
	Capa	52
	Folha de rosto	53
	Resumo.....	54
	Sumário.....	55
3	Elementos textuais	56
4	Referências	61
5	As citações	64

UNIDADE 1

INTRODUÇÃO

A Metodologia tem a função de mostrar o caminho da pesquisa, a instigar, a refletir sobre o mundo.

Adotar uma metodologia significa escolher um **percurso** para a elaboração do projeto de pesquisa, dissertação de mestrado, tese de doutorado. A Metodologia descreve **princípios teóricos e fornece orientações práticas para pensar criticamente**, ter disciplina, escrever e apresentar trabalhos conforme padrões metodológicos e acadêmicos.

Segundo Garvey (1979), o processo de Comunicação Científica inclui as atividades associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista teve a ideia da pesquisa até o momento em que os resultados de seu trabalho são aceitos como parte do conhecimento científico.

Para este autor **o sistema de comunicação na ciência** corresponde a dois tipos: **o canal informal de comunicação**, caracterizado por contatos pessoais, conversas telefônicas, correspondências, cartas entre outros, portanto, não é oficial nem controlado, mas em pequenos grupos para a disseminação seletiva do conhecimento; **o canal formal**, que corresponde à parte visível (pública) do sistema de comunicação científica, a informação é publicada em forma de artigos periódicos, livros, comunicações escritas em encontros científicos entre outros, portanto este canal é controlado, organizado e permanente, o acesso é para o público em geral. Além disso, no canal formal os pesquisadores permitem comunicar seus resultados de pesquisa, estabelecer a prioridade para suas descobertas, obter reconhecimento de seus pares e, com isso, aumentar a credibilidade no meio técnico ou acadêmico.

O Trabalho Científico é avaliado, segundo Demo (1991), pela sua **qualidade política** e sua **qualidade formal**. Qualidade política refere-se fundamentalmente aos conteúdos, aos fins e à substância do trabalho científico. Qualidade formal corresponde

aos meios e formas usadas na produção do trabalho. Refere-se ao domínio das técnicas de coleta e interpretação de dados, manipulação de fontes de informação, conhecimento demonstrado na apresentação do referencial teórico e apresentação escrita e oral em conformidade com ritos acadêmicos.

A origem da palavra **pesquisar** vem do verbo **latino perquirere**, que significa buscar com cuidado, procurar por toda parte, informar-se, aprofundar, inquirir, perguntar, indagar, ir ao redor de.

Pesquisar significa de forma simples, procurar respostas para indagações propostas. Pesquisa é um conjunto de ações para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos.

Para Petri (2005, p.21), a pesquisa é como “uma aventura de um explorador que, seguindo seus palpites, vai à caça do novo, da descoberta do extraordinário, fazendo uso de mapas ou de instrumentos apropriados”.

A **pesquisa** pode ser comparada com a **metáfora socrática da parturição** (maiêutica em grego) – **processo pedagógico democratizador** do pesquisador: primeiro o namoro, definição do objeto de estudo do pesquisador e intencionalidade ao trabalho; segundo a gestação, processo de construção da dúvida, da investigação para a reconstrução da realidade; terceiro, o nascimento, a mudança de interlocutor para cidadão, leitor da realidade para autor capaz de pensar por si mesmo.

Segundo Minayo (1993), a pesquisa é uma atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade, sendo, portanto, uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo inacabado e permanente, através da combinação entre teoria e dados.

Para Gil (1995), a pesquisa, enquanto maneira específica que a Ciência usa para edificar o conhecimento científico, utilizando de procedimento racional e sistemático e tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos. Assim, a pesquisa utiliza de conhecimentos disponíveis e métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.

Nesse sentido, Gil aponta para algumas noções da pesquisa: a dúvida ou problema proposto, o uso do método científico e a resposta ou solução para o problema proposto no início.

Já para Petri (2005) concebe a pesquisa como prática social, coletiva, atividade educativa, um processo libertador e criador, pois traz consigo a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Para este autor, a pesquisa tem um sentido mais amplo como uma atividade humana, forma de trabalho, no sentido de capacitar o homem a ser agente do próprio desenvolvimento e do desenvolvimento dos outros, produzindo um conhecimento sobre a realidade natural e social.

O **pesquisador**, segundo Gil (1999), precisa além do conhecimento sobre o assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social. São igualmente importantes: a humildade para ter atitude autocorretiva, a imaginação disciplinada, a perseverança, a paciência e a confiança na experiência. Quanto maior for o prestígio e reconhecimento do pesquisador, obtido pelas suas publicações, maior será o seu poder de persuasão.

O **pesquisador** não se encontra pronto, ele se faz na caminhada escolar incentivado a ter elaboração própria, a dialogar com a realidade em que vive, a **construir o seu saber**, ao contrário de apenas assimilar o saber já pronto.

Dessa forma, o **pesquisador**, todavia, deve ter autonomia, responsabilidade e criatividade para suas empreitadas científicas, não ficando atrelado ou em condições subalternas ao poder econômico-político de empresas ou instituições do mercado ou mesmo educacionais.

Quando ocorre o atrelamento da pesquisa agravam-se as questões de **ordem ética**. Isso significa que valores e interesses mercadológicos das corporações, grupos hegemônicos se preocupam com os lucros e vantagens que a pesquisa pode proporcionar e não com as consequências sociais, ambientais e humanas.

O **profissional da educação** comprometido com a sociedade na qual está inserido, ao investigar a inter-relação escola-sociedade para compreendê-la melhor, pode tornar-se um agente transformador, pois para ele a pesquisa não se trata de uma questão técnica ou propriamente científica, mas abrange a dimensão ética.

As pesquisas científicas têm um **objetivo maior**: o benefício do homem. Esse objetivo filosófico da pesquisa norteia eticamente o trabalho do pesquisador. Entretanto a pesquisa visa sempre que alguém aprenda alguma coisa, ou seja, a pesquisa visa gerar conhecimento sobre algo para que alguém possa conhecer tal

coisa. Não se faz pesquisa sobre o já comprovado, exceto para refutar. A pesquisa científica visa à produção de conhecimento novo, relevante teoricamente, fidedigno e útil socialmente.

Os objetivos de uma pesquisa podem assumir infinitas situações. Por exemplo:

- Demonstrar a existência ou ausência de relação entre diferentes fenômenos;
- Estabelecer consistência interna entre conceitos dentro de certa teoria;
- Desenvolver novas tecnologias;
- Demonstrar novas aplicações de tecnologias conhecidas;
- Aumentar a generalidade do conhecimento científico;
- Descrever as condições sob as quais um fenômeno ocorre.

CLASSIFICAÇÕES DAS PESQUISAS

Existem várias formas de classificar as pesquisas:

- Do ponto de vista da **sua natureza**, pode ser:
 - **Pesquisa Básica** – objetiva gerar conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista.
 - **Pesquisa Aplicada** – objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.
- Do ponto de vista da forma da **abordagem do problema** pode ser:
 - **Pesquisa Quantitativa** – considera tudo que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e técnicas estatísticas (percentagem, média, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc).
 - **Pesquisa Qualitativa** – considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo entre o mundo objetivo e a

subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição dos significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

- Do ponto de vista de seus **objetivos** pode ser:
 - **Pesquisa Exploratória** – visa proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo explícito e construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.
 - **Pesquisa Descritiva** – visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.
 - **Pesquisa Explicativa** – visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas. Quando realizada nas ciências sociais requer o uso do método observacional; nas ciências naturais, requer o método experimental.
- Do ponto de vista dos **procedimentos técnicos** pode ser:
 - **Pesquisa Bibliográfica** – quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.
 - **Pesquisa Documental** – quanto elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico.
 - **Pesquisa Experimental** – quando se determina um objeto de estudo,

selecionam-se variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definem-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

- **Levantamento** – quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.
- **Estudo de Caso** – quando envolve o estudo exaustivo e profundo de um ou de poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.
- **Pesquisa Expost-Facto** – quando o experimento ocorre depois dos fatos.
- **Pesquisa Ação** – quando concebida e realizada estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.
- **Pesquisa Participante** – quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

UNIDADE 2

ELEMENTOS BÁSICOS DA PESQUISA

Para planejar e executar uma pesquisa científica são necessários os seguintes elementos básicos, sem os quais não há pesquisa:

- Problema de pesquisa – formular o problema consiste no conjunto de perguntas que se pretende responder, cujas respostas sejam novas e relevantes teórica e socialmente;
- Informações pertinentes – determinar as informações necessárias para encaminhar as respostas das perguntas feitas;
- Seleção das fontes – Selecionar as melhores fontes dessas informações;
- Definição das ações – definir um conjunto de ações que produzam tais informações;
- Tratamento das informações – selecionar um sistema capaz de tratar essas informações;
- Base teórica – usar um sistema teórico (marco teórico) para interpretar tais informações;
- Respostas – produzir as respostas às perguntas formuladas pelo problema;
- Confiabilidade – indicar o grau de confiabilidade das respostas obtidas. Explicar por que aquelas respostas são as melhores possíveis;
- Generalização – indicar o grau de generalidade dos resultados. Até que ponto podem-se esperar os mesmos resultados em outros locais ou noutras condições.

A pesquisa científica é um elo entre o pesquisador e a comunidade científica, razão pela qual sua publicidade é elemento indispensável do processo de produção de conhecimento científico. Há uma clara separação entre pesquisar e prestar serviços.

Pois, a intervenção do pesquisador numa realidade pode visar ambas as situações ao mesmo tempo, mas não se pode esquecer que a finalidade básica da pesquisa é produzir novos conhecimentos para a Ciência.

PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Pesquisa é a construção de conhecimento original de acordo com certas exigências científicas. Para que seu estudo seja considerado científico você deve obedecer aos critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação. Para a realização de uma pesquisa científica, segundo Goldemberg (1999):

1. A existência de uma pergunta que se deseja responder;
2. A elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta;
3. A indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida.

O planejamento de uma pesquisa dependerá basicamente de três fases:

1. **Fase decisória** – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa;
2. **Fase Construtiva** – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução da pesquisa propriamente dita;
3. **Fase Redacional** – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à elaboração do relatório final. A apresentação do relatório de pesquisa deverá obedecer às formalidades requeridas pela Academia.

Portanto, a pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada e desenvolvida de acordo com as normas consagradas pela metodologia científica. Metodologia Científica aqui entendida como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas que você deve vencer na investigação de um fenômeno. Nessas etapas estão incluídos desde a escolha do tema, o planejamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a coleta e a tabulação de dados, a

análise dos resultados, elaboração das conclusões e a divulgação dos resultados de forma planejada, ordenada, lógica e conclusiva.

O PROJETO DE PESQUISA

Cada caso exige uma solução particular em se tratando de pesquisa científica. Entretanto, a Ciência como sistema organizado exige que um mínimo de planejamento se dê antes da realização de uma pesquisa. Este planejamento denomina-se – Projeto de Pesquisa. Projetar é planejar, antecipar passos a serem dados. Alguns elementos são fundamentais num projeto de pesquisa qualquer, são eles:

□ O problema de pesquisa

O tema escolhido e o título de uma pesquisa não esclarecem, muitas vezes, o problema de pesquisa. O problema de pesquisa deve ser claramente formulado. Uma das formas de apresentação do problema de pesquisa é no formato de pergunta ou conjunto de perguntas. A formulação do problema de pesquisa deve delimitar (recortar) o trabalho de pesquisa e facilitar os demais passos necessários ao trabalho de investigação, por exemplo, selecionar a literatura a ser revisada visando embasar o trabalho e analisar os resultados.

A relevância de uma pesquisa deve trazer efetiva contribuição ao campo de conhecimento. Tal relevância deve ser julgada por dois aspectos: teórica e social. O pesquisador deve ter em mente que a Ciência é uma construção coletiva e não uma ação individual. Logo, situar o problema onde outros já estudaram é fundamental. Revisar a literatura referente ao problema é a chave que abre os passos seguintes da pesquisa.

□ Hipóteses e objetivos de pesquisa

Hipótese é a conjectura que o pesquisador faz a respeito dos possíveis resultados a serem obtidos. A hipótese deriva do problema de pesquisa e representa a formalização do problema. Normalmente a hipótese é uma frase afirmativa. Já os

objetivos da pesquisa dizem respeito à explicitação do que se espera conseguir com a realização da pesquisa (resultados esperados).

□ **Viabilidade de um projeto de pesquisa**

Grandes problemas mundiais ou nacionais não devem ser tratados por pesquisador iniciante. A complexidade é tanta que normalmente nada se produz quando o problema assume tal proporção. Inúmeros fatores afetam a viabilidade de um projeto de pesquisa – tempo, tecnologia disponível, experiência do pesquisador, recursos financeiros são alguns mais comuns. Melhor perguntar a si mesmo: - Quem sou eu para realizar esta pesquisa? Com humildade responda a essa questão antes de perder um tempo precioso e ao final frustrarem-se diante de algo superior as suas forças. Outro fator a ser levado em conta é o cronograma de execução fora da realidade. Uma transcrição de fita gravada costuma estar na relação uma hora gravada para sete de transcrição.

□ **Fontes de informações**

A busca da informação necessária pode ser realizada pela observação direta ou indireta, por análise de documentos, pelo relato verbal direto ou indireto. Todas essas formas possuem vantagens e desvantagens. Podendo ser usadas de forma combinada numa mesma pesquisa.

A forma mais direta é a observação, pois ela permite explicações funcionais coerentes, vistas pelo próprio pesquisador sobre o fenômeno observado, mas deixa a desejar quanto à explicação sobre o processo em que se manifestou o fenômeno.

Os relatos verbais são carregados de subjetividade e devem ser tratados com muita cautela. Perguntar a um flamenguista qual é o melhor time de futebol do Rio de Janeiro é tendencioso e contamina a pesquisa, pois a resposta será parcial, sem nenhuma confiabilidade.

Os documentos possuem os mesmo problemas das anteriores, pois foram escritos por pessoas. Para fins de estudo eles são divididos em fontes primárias e secundárias. Obras originais do autor são consideradas fontes primárias, enquanto as traduções ou comentadas são chamadas de fontes secundárias. A pesquisa exige a coleta em fonte primária, exceto quando essa fonte seja inalcançável.

Na escolha da fonte de informação a regra é: - quanto mais direta melhor. No trabalho de pesquisa uma fonte direta é muito mais confiável que a opinião de um especialista, uma “autoridade” no assunto. Os fatos têm a supremacia sobre a opinião. Cuidado com a informação optativa. A escolha das fontes determina os próximos passos da pesquisa.

- **PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÃO**

O problema define as fontes de informações e também, quais procedimentos devem ser adotados para buscar (coletar) tais informações. Entre outras, pode-se coletar dados pela entrevista, observação, análise documental, questionário etc.

- ✓ **Entrevista**

A entrevista pode ser aberta ou fechada, isto é, o pesquisador pode limitar as possíveis respostas do entrevistado, por meio de uma entrevista fechada (p.ex. resposta em múltipla escolha, assinalar sim ou não, etc.) ou deixar que o entrevistado discorra livremente sua resposta (aberta). Ambas as formas tem vantagens e desvantagens, entretanto, o pesquisador deve levar em conta que para realizar uma entrevista ele deve considerar a disponibilidade do entrevistado, o limite do tempo disponível, etc.

- ✓ **Observação**

Se o fenômeno estudado permite a observação, o pesquisador deve considerar seu uso. Direta ou indireta a observação permite ao pesquisador “ver” o fenômeno acontecer, mas raramente é possível descrever como o processo ocorreu, desde sua gênese ou explicar o porquê ocorreu. A observação deixa o pesquisador diante do fenômeno sem intermediários e isso elimina vieses opinativos de terceiros. O maior problema da observação está na oportunidade, pois nem sempre o fenômeno social ocorre quando o observador está presente. Por isso, cuidado ao escolher essa fonte, a disponibilidade de pessoas envolvidas pode afetar a coleta de informações.

- ✓ **Questionário**

A tentação do uso de questionários é grande, mas o fracasso de pesquisas baseadas nessa forma de coleta de dados também é grande. Cerca de 30% dos

questionários enviados retornam preenchidos ao pesquisador. Outro fator negativo está na compreensão da pergunta formulado pelo pesquisador, surgindo daí perguntas sem respostas (em branco) ou respondidas de maneira indevida. O emprego de questionário deve ser precedido de teste piloto, quando então se testa a compreensão das perguntas formuladas e das respostas, no caso dos questionários fechados.

✓ **Análise documental**

Se minha pesquisa vai relacionar se o estudante da UFMT vem de escola pública ou privada, a melhor fonte está no questionário sócio-econômico preenchido pelo aluno no ato da matrícula. Esse documento possui a informação desejada, basta então coletá-la. Isso, a princípio, se chama análise documental.

A seleção de quais documentos, da localização deles e da sua disponibilidade é problema a ser enfrentados pelo pesquisador. Nem sempre os documentos estão acessíveis ao pesquisador. Caso opte pela análise documental, então buscar a informação na fonte primária é o correto. Em nosso exemplo o questionário preenchido pelo calouro é a fonte primária, enquanto os registros lançados pelos técnicos da universidade são considerados fontes secundárias.

• **TRANSFORMAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS**

Os dados foram coletados, e agora? Pois bem, é hora de tratar os dados e transformá-los em informações úteis à pesquisa. Dependendo da forma em que se deua coleta o tratamento dos dados será longo, demorado e complexo, ou rápido e simples.

Fitas de áudio ou vídeo gravadas são lentas para degravação e tratamento. No momento da coleta tais formas são simples, mas seu tratamento é lento e complexo. Outras formas como os protocolos de observação permitem um tratamento mais simples, pois na coleta o pesquisador registrou, por exemplo, a ocorrência do fato e o tempo que durou. No momento do tratamento esses dados são tabulados com facilidade e de rápida interpretação. Um registro feito num questionário fechado é simples na hora do tratamento, pois o dado está pronto para ser tabulado e

interpretado.

A criação de escalas e unidades de análise vão direcionar o trabalho de tratamento e transformação de dados em informação. Escalas suportam informação do tipo sim ou não, certo ou errado, gênero: masculino ou feminino. Enquanto as unidades de análise exigem um referencial teórico claro que gere tais unidades. A teoria gera a categoria de análise ou a categoria de registro.

As categorias de registro representam fatos registrados, com um mínimo de interpretação exigida. Ao passo que as categorias de análise nascem da teoria adotada pelo pesquisador e exigem maior esforço para tratar o dado e classificá-lo nas categorias previamente determinadas.

Nas categorias de análise quando a pesquisa é quantitativa, normalmente permite o tratamento estatístico, as existências de modelos de tratamento das informações facilitam o trabalho do pesquisador em transformar dados em informação e a categorização para a análise.

Ao passo que nas pesquisas qualitativas isso é complexo. Quando a teoria fornece as unidades de análise prévias o tratamento é mais fácil. Entretanto, caso isso não aconteça às categorias devem “brotar” da leitura do material coletado, o que é uma temeridade. Nesse caso, devem-se empregar as técnicas de “análise de conteúdo”(Bardin) ou de “análise etnográfica” (Bogdan e Biklen).

Melhor definir previamente as categorias (unidades) de análise com base na revisão teórica do que garimpar na fase de tratamento de dados.

Ao concluir essa fase as informações precisam apresentar um mínimo de compatibilidade e integração, sob risco de inviabilizar o trabalho seguinte. Assim vale a recomendação de Sérgio Vasconcelos de Luna:

Um grande volume de informações, tratado na ausência de unidades prévias, implica uma quantidade considerável de ambigüidade e de interpretação, o que significa aumentar sensivelmente a incerteza da análise. (LUNA, 1998, p. 68)

Planejar é também aumentar as probabilidades de sucesso de uma pesquisa.

- **GENERALIDADE DO CONHECIMENTO**

Se o estudo tem como referência uma escola e chega a resultados conclusivos

sobre determinado assunto o que se pergunta é se esse resultado é válido para outras escolas semelhantes, e também, sobre a possibilidade de se eliminarem idiosincrasias daquela escola pesquisada e os resultados generalizados a outras escolas.

Quando se trabalha com abordagens experimentais e quase-experimentais (conforme Campbell e Stanley³) os critérios para avaliar fidedignidade e generalidade são essencialmente estatísticos, ou seja, probabilísticos. Ao submeter uma hipótese ao teste estatístico o pesquisador quer avaliar a probabilidade de que os resultados obtidos são frutos da pesquisa ou meramente frutos do acaso.

Para que se tenha confiabilidade nos resultados da pesquisa quantitativa é necessário que haja representatividade da amostra em relação à população. Como não se pode estudar todos os alunos de uma cidade, extraí-se uma determinada quantidade desse universo (amostra) e trabalha-se com essa pequena parte representativa. Quanto mais próxima a amostra estiver do universo estudado, melhor será a generalização dos resultados obtidos.

Como é possível que além dos fatores (variáveis) estudados numa pesquisa, outros também influenciem os resultados obtidos, no caso da pesquisa experimental usa-se procedimentos de controle para aumentar a confiabilidade, embora limitando a generalidade. Isso leva a conclusão de que nas pesquisas experimentais e quase-experimentais o maior controle das condições de pesquisa trás maior rigor metodológico e maior fidedignidade dos dados, ao mesmo tempo em que reduz a generalidade.

- **Generalização em Pesquisas Educacionais**

Após 1954, o governo dos Estados Unidos da América do Norte decidiu investir pesado na pesquisa educacional, aumentando as verbas de fomento e por conseqüência, um aumento de pesquisadores e pesquisas nesse campo. Dessa nova condição surgem várias correntes de pesquisadores em oposição aos paradigmas

positivistas da Ciência daquela época, quase hegemônicos da pesquisa quantitativa experimental, com análise estatística.

Tais correntes de pensadores criaram alternativas metodológicas capazes de estudar e descrever a realidade da escola e de seus integrantes. No Brasil o mesmo fenômeno ocorre duas décadas depois.

Na década de 1970 surgem muitos resultados de pesquisa educacional qualitativa, de valor explicativo, em formato descritivo, captando concepções, representações de indivíduos e oferecendo uma enxurrada de relatos de professores, orientadores educacionais, diretores de escola, alunos de diferentes níveis de ensino, falando sobre o que fazem e pretendem, sobre dificuldades que enfrentam e muitos outros tópicos educacionais.

Nesse período há uma predominância do “estudo de caso”, não no sentido proposto por Robert K. Yin, mas como o estudo de uma só escola. O que fazer com esses resultados descritivos? Para que eles servem em termos científicos? Como prestação de serviços de consultoria pedagógica àquela escola os resultados são válidos. Mas, além daquela escola pode-se generalizar os resultados? Ou ainda, os resultados ultrapassam a descrição dos fenômenos estudados? Aumentam a teoria existente? De que serve fatos que não se integram? Explicações *ad hoc* não podem ser generalizadas, pois dizem respeito a uma só coisa de um só lugar.

A pesquisa em educação passou trinta anos no Brasil excessivamente comprometida com a intervenção, sem que haja compromisso equivalente na geração de conhecimento novo. Prestação de serviço demais e pesquisa científica de menos.

A generalização de pesquisa qualitativa é a ampliação do poder explicativo dos resultados. Só a teorização, isto é, uma fundamentação teórica forte pode dar aos resultados qualitativos a capacidade de serem usados em outras situações semelhantes.

A descrição de informações obtidas caracteriza a entrada do pesquisador em uma área inexplorada, nova ou em revisão. Seu emprego como pesquisa exploratória é desejável e deve ser incentivada.

➤ REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura tem papel fundamental na pesquisa científica, pois é através dela que o pesquisador situa seu trabalho dentro da área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o e situando o tema pela definição dos autores pertinentes que fundamentam a investigação. A revisão de literatura identifica a linha teórica em que a pesquisa se insere com base nos autores selecionados.

Dependendo do nível em que a pesquisa se situa o tempo que devemos retroceder na revisão é maior ou menor. Quando uma área possui boa produção então retroceder de quatro a cinco anos é um tempo suficiente para revisar a literatura.

O trabalho de revisão de literatura em uma pesquisa possui vários outros nomes: marco teórico; revisão teórica, levantamento teórico; fundamentação teórica; levantamento de literatura, etc. Todos com o mesmo objetivo maior: mapear quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o problema da pesquisa. A revisão da literatura possui outros objetivos discutidos a seguir.

▪ **Determinar o estado da arte**

Pesquisadores experientes costumam dedicar-se a esse objetivo, cuja intenção é determinar como está uma dada área de pesquisa. É um trabalho exaustivo e complexo.

▪ **Revisão teórica**

Nesse caso o objetivo é revisar as teorias sobre um dado problema de pesquisa, circunscrevendo-o num determinado quadro teórico. Esse objetivo está presente na maioria das pesquisas científicas.

▪ **Revisão de pesquisas empíricas**

Para explicar como certo problema vem sendo pesquisado numa dada área os pesquisadores determinam a revisão de pesquisas empíricas como objetivo. Nessa forma de revisar o objetivo está na explicação de como um problema vem sendo pesquisado metodologicamente. Esse tipo de revisão ajuda a responder perguntas

como: - Quais procedimentos normalmente são empregados no estudo desse

problema? – Que fatores vêm afetando os resultados? – Que propostas têm sido feitas para controlá-los ou explicá-los? – Que procedimentos vêm sendo usados para analisar os resultados? – Existem relatos de generalização dos resultados? – Dependem do quê?

- **Revisão histórica**

As revisões históricas são extremamente importantes, por recuperar a evolução de um conceito ou de uma área, tema, etc. e sua inserção num determinado quadro de referência que explique as mudanças ocorridas. Entretanto, as revisões históricas são raras nos dias atuais.

Ninguém deveria entrar em uma nova área de conhecimento sem realizar uma revisão histórica de seus conceitos.

REFERÊNCIAS:

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez,

1991. GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas,

1999. GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record,

1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

PETRI, Oreste. **Estudar à distância: uma aventura acadêmica**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2005.

UNIDADE 3

EVENTOS ACADÊMICOS

Eventos acadêmicos merecem destaque na formação de um profissional, pois servem para divulgação e consolidação do conhecimento.

- **CONGRESSO** – reunião promovida por entidades associativas, visando ao debate de assuntos que interessem a um determinado segmento. É dividido em várias atividades, como mesas-redondas, conferências, simpósios, palestras, comissões, painéis, cursos. Os congressos podem ser regionais, nacionais e internacionais.
- **CONVENÇÃO** – busca-se a integração das pessoas pertencentes a uma determinada organização, submetendo-se a certos estímulos coletivos para que possam agir em defesa dos interesses da instituição. O organizador é o coordenador e a duração é de vários dias.
- **SEMINÁRIO** – consiste em uma exposição oral para participantes que possuam algum conhecimento prévio do assunto a ser debatido. A dinâmica do seminário divide-se em: fase de exposição; fase de discussão; fase de conclusão.
- **MESA-REDONDA** – é uma reunião do tipo clássico, preparada e conduzida por um coordenador, que funciona como elemento moderador, orientando a discussão para que ela se mantenha sempre em torno do tema principal. Os expositores têm um tempo determinado para apresentar suas ideias e para o debate posterior.
- **SIMPÓSIO** – é um derivado da mesa-redonda, possuindo como característica o fato de ser de alto-nível, com a participação de especialistas; a diferença fundamental é que no simpósio os expositores não debatem entre si os temas

apresentados, as perguntas e respostas são efetuadas diretamente aos participantes da plateia.

- **PAINEL DE DEBATES** – consiste em uma reunião em que os expositores debatem entre si o assunto em pauta, cabendo ao público funcionar apenas como expectador.
- **FÓRUM** – tipo de reunião que tem como objetivo conseguir a efetiva participação de um público numeroso, visando à sensibilização da opinião pública para certos problemas sociais.
- **CONFERÊNCIA** – consiste sempre em duas partes: o auditório e os expositores. É um serviço que dá ao mercado informações gerenciais, práticas, focadas para o executivo. Além de oferecer ao participante a absorção de informação prática, oferece também a oportunidade de realizar contatos e negócios, além de trocas de experiências com os demais participantes.
- **WORKSHOP** – tem como objetivo detalhar, aprofundar um determinado assunto de maneira mais prática, possui um moderador e um ou dois expositores: exposição, discussão em grupos e conclusão.

UNIDADE 4

➤ TIPOS TEXTUAIS

1. **DISSERTAÇÃO**

Dissertar é o mesmo que desenvolver ou explicar um assunto, discorrer sobre ele. Assim, o texto dissertativo pertence ao grupo dos textos expositivos, juntamente com o texto de apresentação científica, o relatório, o texto didático, o artigo enciclopédico. Em princípio, o texto dissertativo não está preocupado com a **persuasão** e sim, com a **transmissão de conhecimento**, sendo, portanto, um texto informativo.

Os **textos argumentativos**, ao contrário, têm por finalidade principal **persuadir** o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto. Quando o texto, além de explicar, também persuade o interlocutor e modifica seu comportamento, temos um texto dissertativo-argumentativo.

O texto dissertativo argumentativo tem uma estrutura convencional, formada por três partes essenciais.

• **Introdução**

Que apresenta o assunto e o posicionamento do autor. Ao se posicionar, o autor formula uma **tese** ou a ideia principal do texto.

*Ex.: Teatro e escola, em princípio, parecem ser espaços distintos, que desenvolvem atividades complementares diferentes. Em contraposição ao ambiente normalmente fechado da sala de aula e aos seus assuntos pretensamente "sérios", o teatro se configura como um espaço de lazer e diversão. Entretanto, se examinarmos as origens do teatro, ainda na Grécia antiga, veremos **que teatro e escola sempre caminharam juntos, mais do que se imagina.** (tese)*

• **Desenvolvimento**

Formado pelos parágrafos que fundamentam a tese. Normalmente, em cada parágrafo, é apresentado e desenvolvido um argumento. Cada um deles pode estabelecer relações de causa e efeito ou comparações entre situações, épocas e lugares diferentes, pode também se apoiar em depoimentos ou citações de pessoas

especializadas no assunto abordado, em dados estatísticos, pesquisas, alusões históricas.

- **Conclusão**

Geralmente retoma a tese, sintetizando as ideias gerais do texto ou propondo soluções para o problema discutido. Mais raramente, a conclusão pode vir na forma de interrogação ou representada por um elemento-surpresa. No caso da interrogação, ela é meramente retórica e deve já ter sido respondida pelo texto. O elemento surpresa consiste quase sempre em uma citação científica, filosófica ou literária, em uma formulação irônica ou em uma ideia reveladora que surpreenda o leitor e, ao mesmo tempo, dê novos significados ao texto, inclusive uma intervenção.

EX.: Que o teatro seja uma forma alternativa de ensino e aprendizagem, é inegável. *A escola sempre teve muito a aprender com o teatro, assim como este, de certa forma, e em linguagem própria, complementa o trabalho de gerações de educadores, preocupados com a formação plena do ser humano.* (conclusão)

ELEMENTOS PARA CORREÇÃO DO TEXTO

- Apresentação Textual** – legibilidade, respeito às margens, paragrafação, respeito ao número de linhas, limitação ao tema proposto.
- Estrutura Textual Dissertativa.**
 1. **Introdução** (apresentação da tese e das hipóteses); usa-se a pergunta por quê? Para encontrar os argumentos.
 2. **Desenvolvimento** (formular um banco de ideias e elaborar relações de causa e efeito, explicações, enumerações, comparações e exemplos dos argumentos de forma sequencial e objetiva);
 3. **Conclusão** (uso de conectivo para o fechamento da ideia, retorno à tese, proposta de intervenção ou posicionamento crítico.
- Coerência e Coesão.**
- Título original e coerente com o texto.**

SUGESTÃO DE ESTRUTURA DO TEXTO

1º parágrafo: TEMA + argumento 1 + argumento 2 + argumento 3.

2º parágrafo: desenvolvimento do argumento 1.

3º parágrafo: desenvolvimento do argumento

2.4º parágrafo: desenvolvimento do argumento 3.

5º parágrafo: expressão inicial + reafirmação do tema + observação final.

Coesão e Coerência – O texto é produzido através da organização de palavras que se unem, adequadamente, umas às outras.

COESÃO

- Assim, os termos vão formando uma oração, e as orações vão constituir períodos. Essa união ou ligação entre os elementos de um texto deve apresentar um sentido lógico, coerente; para isso é necessário observar as relações semânticas existentes entre eles.

- Na verdade, há uma relação de dependência entre os termos e as orações que se estabelece pela coordenação ou subordinação das ideias. Um texto torna-se bem construído e coeso quando usamos os elementos gramaticais ou coesivos (conjunções, pronomes, preposições e advérbios), no interior das frases, de forma adequada. Se esses elementos de ligação forem mal empregados, o texto não apresentará noção de conjunto, ou ainda, sua linguagem se tornará ambígua e incoerente. Portanto, a coesão refere-se à **forma** ou à superfície de um texto. Ela é mantida através de procedimentos gramaticais, isto é, pela escolha do conectivo adequado na conexão dos diversos enunciados que compõem um texto.

COERÊNCIA

- Resulta da relação harmoniosa entre os pensamentos ou ideias apresentadas num texto sobre um determinado assunto. Refere-se, dessa forma, ao **conteúdo**, à sequência ordenada das opiniões ou fatos expostos. Não havendo o emprego correto

dos elementos de ligação (conectivos) faltará a coesão e, logicamente, a coerência ao texto.

- A coesão trata basicamente das articulações gramaticais existentes entre as palavras, as orações e frases para garantir uma boa sequência de eventos.

- A coerência, por sua vez, aborda a relação lógica entre ideias, situações ou acontecimentos, apoiando-se, por vezes, em mecanismos formais, de natureza gramatical ou lexical, e no conhecimento compartilhado entre os usuários da língua. Pode-se dizer que o conceito de coerência está ligado ao conteúdo, ou seja, está no sentido constituído pelo leitor.

2. RESUMO

- O resumo tem por objetivo apresentar com fidelidade ideias ou fatos essenciais contidos num texto.

- Sua elaboração é bastante complexa, já que envolve habilidades como leitura competente, análise detalhada das ideias do autor, discriminação e hierarquização dessas ideias e redação clara e objetiva do texto final.

- Em contrapartida, dominar a técnica de fazer resumos é de grande utilidade para qualquer atividade intelectual que envolva seleção e apresentação de fatos, processos, ideias, etc.

- O resumo pode se apresentar de várias formas, conforme o objetivo a que se destina.

- No sentido estrito, padrão, deve reproduzir as opiniões do autor do texto original, a ordem como essas são apresentadas e as articulações lógicas do texto, sem emitir comentários ou juízos de valor. Dito de outro modo, trata-se de reduzir o texto a uma fração da extensão original, mantendo sua estrutura e seus pontos essenciais.

- Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, com variantes na estrutura.

- Uma maneira é iniciar com uma frase do tipo: "No texto, de, publicado em....., o autor apresenta/ discute/ analisa/ critica/ questiona tal tema, posicionando-se ".

- Esta forma tem a vantagem de dar ao leitor uma visão prévia e geral, orientando, assim, a compreensão de que segue. Este tipo de síntese pode, se for pertinente, vir acompanhada de comentários e julgamentos sobre a posição do autor do texto e até sobre o tema desenvolvido.

- Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, com variantes na estrutura.

- Uma maneira é iniciar com uma frase do tipo: "No texto, de, publicado em....., o autor apresenta/ discute/ analisa/ critica/ questiona tal tema, posicionando-se".

- Esta forma tem a vantagem de dar ao leitor uma visão prévia e geral, orientando, assim, a compreensão de que segue. Este tipo de síntese pode, se for pertinente, vir acompanhada de comentários e julgamentos sobre a posição do autor do texto e até sobre o tema desenvolvido.

- Em qualquer tipo de resumo, entretanto, dois cuidados são indispensáveis: buscar a essência do texto e manter-se fiel às ideias do autor.

- Copiar partes do texto e fazer uma "colagem", sob a alegação de buscar fidelidade às ideias do autor não é permitido, pois o resumo deve ser o resultado de um processo de "filtragem", uma (re)elaboração de quem resume.

- Se for conveniente utilizar excertos do original (para reforçar algum ponto de vista, por exemplo), esses devem ser breves e estar identificados (autor e página).

➤ SEQUÊNCIA DE PASSOS

- Ler atentamente o texto a ser resumido, assinalando nele as ideias que foremparecendo significativas à primeira leitura;

- Identificar o gênero a que pertence o texto (uma narrativa, um texto opinativo, uma receita, um discurso político, um relato cômico, um diálogo, etc);

- Identificar a ideia principal (às vezes, essa identificação demanda seleções sucessivas) sublinhar os tópicos-frasais;

- Identificar a organização - articulações e movimento - do texto (o modo como

asideias secundárias se ligam logicamente à principal);

- Identificar as ideias secundárias e agrupá-las em subconjuntos (por exemplo: segundo sua ligação com a principal, quando houver diferentes níveis de importância; segundo pontos em comum, quando se perceberem subtemas);

- Identificar os principais recursos utilizados (exemplos, comparações e outras vozes que ajudam a entender o texto, mas que não devem constar no resumo formal, apenas no livre, quando necessário);

- Esquematizar o resultado desse processamento;
- Redigir o texto.

3- FICHAMENTO

O fichamento é um registro dos estudos de um livro ou texto, esse registro é feito em fichas e estas têm critérios para serem elaboradas.

O fichamento facilita a execução dos trabalhos acadêmicos e a assimilação dos conteúdos estudados. É mesmo um exercício de como facilitar o estudo e a fixação do conteúdo de textos.

Há dois tipos de fichamento:

1. Bibliográfica

(assunto e autor).

2. Conteúdo

(resumo e cópia-citação).

Em primeiro lugar, deve-se apresentar objetivamente as ideias do autor (resumo e citação), em seguida deve-se discutir de modo pessoal as ideias fichadas (comentário e ideiação). Em outras palavras, um fichamento completo deve apresentar os seguintes dados:

1) Indicação bibliográfica

— mostrando a fonte da leitura.

2) Resumo

— sintetizando o conteúdo da obra. Trabalho que se baseia no esquema (na introdução pode fazer uma pequena apresentação histórica ou ilustrativa).

3) Citações

— apresentando as transcrições significativas da obra.

4) Comentários

— expressando a compreensão crítica do texto, baseando-se ou não em outros autores e outras obras.

5) Encadeamento

— colocando em destaque as novas ideias que surgiram durante a leitura reflexiva.

DICAS

- **Primeiro passo:** Fazer uma leitura de todo o texto, ou do capítulo do livro, para somente se inteirar do assunto tratado.

- Neste momento pode-se anotar algum vocabulário não conhecido para posterior busca de sentido no dicionário (leitura panorâmica).

- **Segundo passo:** Fazer uma segunda leitura, agora mais criteriosa e para isso divida o texto em partes, de um subtítulo a outro, por exemplo, e a cada parágrafo vá grifando a ideia central do texto, conectando-a com a ideia de outro parágrafo e assim por diante.

- Algumas vezes é necessário voltar a ler o parágrafo mais de uma vez. Observe as chamadas palavras - chave, porque abrem possibilidades de ideias no texto, elas são importantes para um bom entendimento do conteúdo.

- **Terceiro passo:** Terminado de grifar o texto, transcreva-o tal e qual como está no livro, releia-o e verifique a ordem e a lógica fiel ao conteúdo abordado. Esta é uma maneira de se fazer um fichamento. Quando precisar ler o texto ou o livro novamente, ficará mais rápido de recordar os dados pela releitura do fichamento do mesmo.

Fichamentos são excelentes maneiras de se entender conteúdos e fixar

conhecimento.

4 – RESENHA

1. Quem é o resenhista?

A resenha, por ser em geral um resumo crítico, exige que o resenhista seja alguém com conhecimentos na área, uma vez que avalia a obra, julgando-a criticamente.

2. Qual o objetivo da resenha?

O objetivo é realizar ao mesmo tempo um resumo e crítica sobre um texto. Serve como instrumento de pesquisa bibliográfica, atualização. Influência na decisão de consultar ou não o texto original, desenvolvimento da capacidade de síntese, interpretação e crítica. "Contribui para desenvolver a mentalidade científica e levar o iniciante à pesquisa e à elaboração de trabalhos monográficos".

3. Veiculação da resenha

A resenha é, em geral, veiculada por jornais, revistas, internet e outros.

4. Qual a extensão de uma resenha?

A extensão do texto-resenha depende do espaço que o veículo reserva para esse tipo de texto. Observe-se que, em geral, não se trata de um texto longo, "um resumo" como normalmente feito nos cursos superiores... Para melhor compreender este item, basta ler resenhas veiculadas por boas revistas.

5. O que deve constar numa resenha?

- ✓ O título
- ✓ A referência bibliográfica da obra
- ✓ Alguns dados bibliográficos do autor da obra resenhada
- ✓ O resumo, ou síntese do conteúdo
- ✓ A avaliação crítica

6. O título da resenha

O texto-resenha, como todo texto, tem título, e pode ter subtítulo, conforme os exemplos, a seguir:

Título da resenha: **Astro e vilão**

Subtítulo: **Perfil com toda a loucura de Michael Jackson**

Livro: **Michael Jackson: uma Bibliografia não Autorizada (Christopher Andersen) -Veja, 4 de outubro, 1995.**

7. A referência bibliográfica do objeto resenhado deve constar:

- ✓ Nome do autor
- ✓ Título da obra
- ✓ Nome da editora
- ✓ Data da publicação
- ✓ Lugar da publicação
- ✓ Número de páginas

8. Como fazer o resumo para a resenha?

O resumo que consta numa resenha apresenta os pontos essenciais do texto e seu plano geral.

Pode-se resumir agrupando num ou vários blocos os fatos ou ideias do objeto resenhado.

Pode-se também resumir de acordo com a ordem dos fatos, das partes e dos capítulos.

9. Como iniciar uma resenha?

Pode-se começar uma resenha citando-se imediatamente a obra a ser resenhada. Veja o exemplo:

"Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e

seu ensino" (L&PM, 1995, 112 páginas), do gramático Celso Pedro Luft, traz um conjunto de ideias que subvertem a ordem estabelecida no ensino da língua materna, por combater, veementemente, o ensino da gramática em sala de aula.

10. A resenha crítica não deve ser vista ou elaborada mediante um resumo a que se acrescenta, ao final, uma avaliação ou crítica. A postura crítica deve estar presente desde a primeira linha, resultando num texto em que o resumo e a voz crítico do resenhista se interpenetram.

Não esqueça:

Uso da 3ª pessoa, de modo que fique evidente a neutralidade.

"A finalidade de uma resenha é informar o leitor, de maneira objetiva e cortês, sobre o assunto tratado no livro, evidenciando a contribuição do autor: novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias." (cf. LAKATOS, 1995, p 234).

"O resenhista deve resumir o assunto e apontar as falhas e os erros de informação encontrados, sem entrar em muitos pormenores, e, ao mesmo tempo, tecer elogios aos méritos da obra, desde que sinceros e ponderados." (Lakatos, 1995, p. 243)

Não há espaços para ironias, sarcasmos e nem para dizer que o autor poderia ter escrito um livro melhor, cada obra é uma obra única e tem seu valor próprio.

EXEMPLO DE RESENHA:

Um gramático contra a gramática

Gilberto Scarton

Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino (L&PM, 1995, 112 páginas) do gramático Celso Pedro Luft traz um conjunto de ideias que subverte a ordem estabelecida no ensino da língua materna, por combater, veemente, o ensino da gramática em sala de aula.

Nos seis pequenos capítulos que integram a obra, o gramático bate, intencionalmente, sempre na mesma tecla - uma variação sobre o mesmo tema: a maneira tradicional e errada de ensinar a língua materna, as noções falsas de língua e gramática, a obsessão gramaticalista, inutilidade do ensino da teoria gramatical, a visão distorcida de que se ensinar a língua é se ensinar a escrever certo, o esquecimento a que se relega a prática linguística, a postura prescritiva, purista e alienada - tão comum nas "aulas de português".

O velho pesquisador apaixonado pelos problemas da língua, teórico de espírito lúcido e de larga formação linguística e professor de longa experiência leva o leitor a discernir com rigor gramática e comunicação: gramática natural e gramática artificial; gramática tradicional e linguística; o relativismo e o absolutismo gramatical; o saber dos falantes e o saber dos gramáticos, dos linguistas, dos professores; o ensino útil, do ensino inútil; o essencial, do irrelevante.

Essa fundamentação linguística de que lança mão - traduzida de forma simples com fim de difundir assunto tão especializado para o público em geral - sustenta a tese do Mestre, e o leitor facilmente se convence de que aprender uma língua não é tão complicado como faz ver o ensino gramaticalista tradicional. É, antes de tudo, um fato natural, imanente ao ser humano; um processo espontâneo, automático, natural, inevitável, como crescer. Consciente desse poder intrínseco, dessa propensão inata pela linguagem, liberto de preconceitos e do artificialismo do ensino definitório, nomenclaturista e alienante, o aluno poderá ter a palavra, para desenvolver seu espírito crítico e para falar por si.

Embora Língua e Liberdade do professor Celso Pedro Luft não seja tão original quanto pareça ser para o grande público (pois as mesmas concepções aparecem em muitos teóricos ao longo da história), tem o mérito de reunir, numa mesma obra, convincente fundamentação que lhe sustenta a tese e atenua o choque que os leitores - vítimas do ensino tradicional - e os professores de português - teóricos, gramatiqueros, puristas - têm ao se depararem com uma obra de um autor de gramáticas que escreve contra a gramática na sala de aula.

PUC- RS. **Como elaborar uma resenha.** Disponível em: <http://pucrs.br/gpt/resenha.php>. Acesso em: 22/07/16

TIPOS DE CONHECIMENTO

CONHECIMENTO DO SENSO COMUM

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

➤ CONCEITO DE PESQUISA

Pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos. (ANDRADE, 2010, p. 109)

➤ NATUREZA DA PESQUISA

- **Original:** trabalho realizado pela primeira vez
- **Resumo do assunto:** dispensa a originalidade, mas não o rigor científico (mais comum em cursos de graduação)

➤ TIPOS DE CONHECIMENTO

- Mítico
- **Ordinário (senso comum)**
- Artístico
- Filosófico
- Religioso
- **Científico**

CONHECIMENTO DO SENSO COMUM

- Consequência da necessidade de resolver **problemas imediatos** (percepção sensorial - instintiva)

Ex: Uso de remédios caseiros “É um viver sem conhecer”.

(BUZZI, 1972 *apud* KOCHE, 2007, p. 24)

- Possui um **caráter utilitarista**: não especifica as razões ou fundamentos teóricos que demonstram ou justificam seu uso (crenças).
- **Subjetivo e com baixo poder de crítica**: visão fragmentada e incapaz de se submeter a uma crítica sistemática e isenta de interpretações sustentadas apenas nas crenças pessoais.
- Uso de **linguagem vaga**
 - Ex: A água quando esfriada suficientemente, se torna sólida.
- Impossibilidade de diálogo crítico
- Desconhecimento dos limites da validade
 - “Espectador demasiadamente passivo da realidade” (KOCHE, 2007)

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

- Busca de princípios explicativos e visão unitária da realidade.

“Cabe ao homem, otimizando o uso da sua racionalidade, propor uma forma sistemática, metódica e crítica da sua função de desvelar o mundo, compreendê-lo, explicá-lo e dominá-lo.” (KOCHE, 2007, p.29)

- Os enunciados científicos devem estar isentos de ambiguidade e de contradição lógica;
- Uso de linguagem específica (unívoca e universal)

- Um conhecimento para ser aceito como científico pela comunidade científica deverá, necessariamente, satisfazer a critérios que justifiquem a sua aceitação.

- Etapas de investigação:
 - ✓ (a) Identificação de uma dúvida (pergunta que ainda não tem resposta);
 - ✓ (b) Reconhecimento de um conhecimento existente é insuficiente;
 - ✓ (c) É necessário construir uma resposta para essa dúvida;
 - ✓ (d) É necessário oferecer provas de segurança e de confiabilidade que justifiquem a crença de ser uma boa resposta.

MÉTODO CIENTÍFICO

- Hipóteses bem fundamentadas e estruturadas em sua coerência teórica
(verdade sintática)
- Possibilidade de serem submetidas a uma testagem crítica severa
(verdade semântica)
- Avaliada pela comunidade científica
(verdade pragmática)

PLANEJAMENTO

- **Fase decisória** – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa;
- **Fase Construtiva** – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução da pesquisa propriamente dita;
- **Fase Redacional** – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à

elaboração do relatório final. A apresentação do relatório de pesquisa deverá obedecer às formalidades requeridas pela Academia.

LINHAS DE PESQUISA

A Faculdade de Porto Feliz conta com professores especialistas, mestres e doutores que respondem a linhas de pesquisa dentro da Instituição. Sendo assim, a pesquisa do aluno deve constar dentro de um plano maior de pesquisa em que os docentes estão inseridos.

Desta forma, segue abaixo as possíveis linhas de pesquisa:

GRUPOS DE

PESQUISAI – INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO

EMENTA: Estudo histórico e epistemológico do brincar; O brincar e sua relação com a escolarização/letramento; Influência do processo de Adaptação na Escola para o aluno; Psicomotricidade e aspectos cognitivos e aprendizagem.

Linhas de pesquisa:

- ✓ Brincar;
- ✓ Adaptação Escolar;
- ✓ Psicomotricidade e Desenvolvimento Infantil

II – EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E SOCIEDADE

EMENTA: O pensamento educacional brasileiro; História das práticas escolares; As relações entre educação escolar e sociedade; Experiências educacionais alternativas.

Linhas de pesquisa:

- ✓ O pensamento educacional brasileiro (análise das contribuições dos intelectuais da educação no passado e no presente)
- ✓ História das práticas escolares (história do currículo, das disciplinas escolares,

do livro didático, dos métodos de ensino, da relação professor-aluno)

- ✓ As relações entre escola e sociedade (estudos acerca da evasão escolar, escola-família, escola-comunidade, escola e movimentos sociais)
- ✓ Experiências educacionais alternativas (estudo e experiências educacionais alternativas do passado e do presente)

III - GESTÃO ESCOLAR

EMENTA: Estudo Histórico da Gestão Escolar no Brasil; gestão escolar e municipalização do ensino.

Linhas de pesquisa:

- ✓ estudo comparativo da concepção de gestão escolar nos três modelos educacionais – escola tradicional, escola nova e escola tecnicista;
- ✓ compreender como ocorre a gestão escolar dentro do processo de municipalização do ensino.

IV - TRATAMENTO DIDÁTICO DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO

EMENTA:

Abrange investigações sobre práticas institucionais de ensino; articulação entre abordagens teórica (concepções e conceitos) e prática (processos de ensino e aprendizagem) tendo como pressuposto o ler e escrever em todas as áreas de conhecimento por entender que a natureza multidisciplinar da linguagem é um eixo articulador das diferentes áreas/disciplinas curriculares nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Linhas de pesquisa:

- ✓ Alfabetização e Letramento
- ✓ Letramento digital
- ✓ Alfabetização Linguística
- ✓ O ensino das áreas específicas do conhecimento

V - INCLUSÃO SOCIAL

EMENTA:

Estudo histórico e epistemológico da inclusão; das dificuldades da aprendizagem; abordagem; Discute as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil em vários contextos culturais. Discute como é possível capacitar professores a

desenvolverem metodologia e materiais pedagógicos que possibilitem a inclusão de fato.

Linhas de pesquisa:

- ✓ Ed. Inclusiva
- ✓ Indisciplina e Afetividade
- ✓ Preconceito Racial e Cultural
- ✓ Responsabilidade Social e Meio Ambiente
- ✓ Direitos humanos e cidadania

O PROJETO DE PESQUISA

Para realizar um Artigo, é fundamental organizar primeiro um guia. É o momento de construir o seu projeto de pesquisa.

O projeto de pesquisa deve funcionar como um guia do pesquisador, indicando os passos que deve seguir. Apesar de ser um roteiro pré-estabelecido e rigorosamente elaborado, o projeto não é imutável e inflexível. Ao contrário, o caminho percorrido ao longo da pesquisa acaba por imprimir-lhe novas características, novos contornos, colocando novas exigências para o pesquisador.

O projeto de pesquisa precisa ser bem pensado e redigido, pois ele é a materialização de um planejamento. O projeto existe para dar uma direção, para ajudar o pesquisador a encontrar pistas para descobrir alguns problemas e não para criar empecilhos para o seu entendimento.

Deve ser entendido como um produto – pois é um documento escrito resultante de um exercício acadêmico e científico – e, também como um processo – pois é um instrumento dinâmico, que tem a importante característica de ser flexível.

A elaboração de um projeto de pesquisa implica lidar com três dimensões, independentes:

Dimensão técnica – conjunto de regras para a elaboração do projeto, já que existe um consenso na comunidade científica sobre o núcleo básico que todo projeto deve contemplar.

Dimensão teórica – são as escolhas do pesquisador quanto ao tema, ao referencial teórico, fundamentais para a construção do objeto de conhecimento, com procedimentos adequados e consensuais no campo da ciência.

Dimensão afetiva – revela o envolvimento do pesquisador com o tema escolhido.

A ESTRUTURA BÁSICA DE UM PROJETO DE PESQUISA

Um projeto de pesquisa pode ser organizado de várias maneiras. Não há um padrão rigidamente estabelecido e imutável. Optamos, portanto, para padronizar os projetos da Instituição, que seja apresentado com a seguinte estrutura:

- a. Título
- b. Tema
- c. Justificativa
- d. Problematização
- e. Hipóteses
- f. Objetivos
 - Objetivos Gerais
 - Objetivos Específicos
- g. Quadro Teórico
- h. Fundamentação Teórica
- i. Metodologia
- j. Cronograma
- k. Referências Iniciais

Em linhas gerais, todo projeto deve responder às seguintes questões:

- o que pesquisar (definição do tema)
- por que pesquisar (justificativa / hipóteses)
- para que pesquisar (objetivos)
- como pesquisar (metodologia / cronograma)

A. TÍTULO/TEMA DO PROJETO E DO ARTIGO

Muitos estudantes comumente tendem a confundir o tema de seus trabalhos com o título efetivamente dado para tal trabalho. Sim, existe diferença entre estes dois itens.

O **tema** do Artigo remete à área que se pretende abordar, ao assunto que se pretende dissertar, estudar e aprofundar.

O **título** do Artigo é como a frase de chamada, é uma expressão, ou até uma só palavra, centrada no início do trabalho; ele é uma vaga referência ao assunto (tema). Deve ser atraente, instigante, inovador, como o de um livro, que através de sua capa enseja uma mensagem, detém um certo marketing, um poder de atração que leva o consumidor à comprá-lo.

Nesse sentido, ao delimitar o tema do artigo, o aluno deve ter em mente seu objeto de estudo. Proporcionalmente, ao eleger o título do artigo, deve elaborar sua frase de chamada, seu atrativo, com efeito que proporcione impacto, peso, significância, remetendo ao conteúdo de forma interessante e criativa.

Veja os exemplos:

Título: Aspectos legais do ensino fundamental de nove anos

Tema: Ensino Fundamental de Nove Anos

Título: Estudo sobre a Inclusão de alunos portadores de Deficiência Auditiva

Tema: Inclusão no Ensino Fundamental – deficiência auditiva

B. JUSTIFICATIVA

Dizer **por que** estudar este tema/problema, considerando:

1. A atualidade do Tema;
2. A relevância do estudo para compreensão do problema que o tema propõe.
3. A contribuição social e científica do estudo do tema para a área de conhecimento em referência.

É importante acrescentar quais serão, na prática os benefícios que você espera obter após o término de sua pesquisa. Ela trará resultados relevantes, que poderão mudar nossa maneira de pensar ou fazer alguma coisa? Ou até: que contribuição específica seu estudo poderá nos trazer? A quem interessa? Por que interessaria? Você “compraria” a ideia?

Seja sucinto e objetivo, aproveitando para deixar claro ao leitor que suas idéias fluem de forma coerente, fácil, com foco bem definido e que podem “justificar” perfeitamente a elaboração do seu trabalho.

C - PROBLEMATIZAÇÃO

A delimitação exige uma leitura disponível sobre o tema.

O pesquisador deve delimitar o problema, pois cada área de investigação possui inúmeras particularidades que conduzem aos problemas, e cada uma delas poderá corresponder a uma pesquisa científica, a um estudo separado.

A problematização é fundamental, pois é ela quem vai possibilitar que o investigador dê o enfoque pontual ao seu problema. A delimitação é o que permite o aprofundamento do conteúdo da pesquisa.

Algumas questões que podem nortear o pesquisador: a questão é relevante? É adequada para mim? Tenho condições para realizar este estudo? Terei tempo disponível para investigar essa questão?

Lembre-se:

* Neste tópico você deve fazer somente uma pergunta (questionamento)

D - HIPÓTESES

Hipótese é uma suposição que se faz no intuito de explicar o que se desconhece. É o que se pretende demonstrar e não o que já está dito e entendido como consta nas leituras realizadas. É a tese central do trabalho de pesquisa.

Trata-se de uma idéia ainda não demonstrada e que não está evidente na literatura de referência.

É uma resposta ao problema proposto. É uma resposta “suposta, provável e provisória”. É algo provável, antecipa algo que será ou não confirmado e é formada por um conjunto de variáveis inter-relacionadas.

A formulação de hipóteses deve ser expressa de forma simples; ela deve ser passível de verificação ou experimentação. Seu enunciado deve conter variáveis independentes (causa) e variáveis dependentes (efeito).

A hipótese é a sua explicação, a sua **resposta provisória** à pergunta, ao problema que você formulou. Ela tem como característica ser um enunciado sem um fundamento preciso.

É comum encontrar pesquisadores iniciantes que desejam, acima de tudo, confirmar sua hipótese. No entanto, se você já tem uma resposta de antemão, não precisa pesquisar. A ciência está fundamentada na dúvida, e não na certeza.

A hipótese não deve se alicerçar em valores morais, em julgamentos, indicando o que é bom, o que é prejudicial etc. Ela deve ser compatível com o conhecimento científico, sendo passível de verificação empírica em suas consequências.

E. OBJETIVOS

Os objetivos propõem **o que** será estudado. Deve ser claro, conciso e coerente com o Tema proposto.

Um estudo bem feito e com planejamento bem delineado tem no máximo um ou dois objetivos a cumprir. Talvez um terceiro, mas este fica como uma informação adicional e que pode sugerir que o estudo terá continuidade num próximo projeto, mais específico e aprofundado.

O **objetivo** de um estudo deve atender à dúvida inicial, ou seja, deve estar voltado para resolver o **problema**.

Objetivo Geral

Define a visão geral e abrangente que se quer alcançar com a elaboração da pesquisa.

É a questão principal do estudo. Refere-se ao problema a ser resolvido.

Objetivos Específicos

São desdobramentos do objetivo geral. Representam um detalhamento do que se pretende estudar no tema proposto. Indicam características específicas do problema a ser estudado.

Lembre-se:

Os objetivos são escritos com frases curtas, **começando com o verbo no infinitivo** e demonstrando uma ação de realização do estudo. (perceber, investigar, compreender, buscar subsídios, procurar).

F - QUADRO TEÓRICO

Parte do projeto que aponta os principais autores e ideias predominantes do trabalho de pesquisa.

Será feita em forma de tabela. Observe o exemplo abaixo:

Conceito	Autor	Obra
• Alfabetização	Emília Ferreiro	FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
• Letramento	Magda Soares	SOARES. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2000.
• Linguística	Luiz Carlos Cagliari	CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1989.

Observe que são três colunas:

CONCEITO: Inserir qual é conceito a ser explorado relacionado com o tema escolhido para o seu projeto.

AUTOR: Neste campo teremos os autores que serão destaques/ principais quanto ao conceito definido.

OBRA: Destacar a obra (livro) em que se encontra a definição do conceito destacado.

G - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este termo pode ser conhecido também como:

- Revisão teórica
- Referencial teórico
- Revisão de literatura
- Pressupostos teóricos
- Embasamento teórico

É a parte do projeto que apresenta de forma breve a revisão das principais fontes/obras/referências que tratam do tema da pesquisa, pois parte-se do pressuposto de que nenhuma investigação começa da estaca zero.

A revisão de literatura resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa.

O pesquisador procura mostrar através da literatura já publicada o que já sabe sobre o tema, quais as lacunas existentes e onde se encontram os principais entraves teóricos ou metodológicos;

Em função da explosão da informação, você deverá definir para onde irá dirigir e concentrar seus esforços na revisão de literatura, porque só assim não ficará perdido

no emaranhado das publicações existentes. Pesquisadores experientes sabem que o risco de perder tempo e o rumo podem ser fatais neste processo.

H - METODOLOGIA

São os procedimentos que serão tomados para realizar a pesquisa sobre o tema. É a maneira **como** vai ser elaborada a pesquisa.

Para isso é preciso dizer o tipo de pesquisa e os instrumentos com os quais o estudo vai ser realizado.

Nesta etapa, o pesquisador deve adequar a escolha do seu tema a uma determinada metodologia. O levantamento bibliográfico é o primeiro passo, e pode vir aliado a outros levantamentos (pesquisa de campo, pesquisa em laboratório, pesquisa documental etc.)

Tipos básicos de Pesquisa:

- De campo;
- Experimental;
- Bibliográfica.

A pesquisa de campo caracteriza-se por buscar os dados diretamente no universo de estudo, pelo fato de que a fonte de dados é desconhecida. É específica das Ciências Sociais.

A pesquisa experimental é aquela em que o estudante utiliza experiências de laboratório como no caso das ciências da natureza. É entendida também como levantamento de dados com finalidades explicativas, avaliativas e interpretativas, tendo como objetivos a aplicação, a modificação e/ou mudança de alguma situação ou fenômeno. (MARCONI E LAKATOS, 1988, p.19).

A pesquisa bibliográfica é a mais comum nos estudos acadêmicos pois utiliza fontes escritas como livros, jornais, revistas, relatórios, e outros documentos. Está presente em todos os tipos de pesquisa, mas com mais especificidades nas ciências humanas.

Instrumentos de pesquisa.

- Observação
- Questionário;
- Entrevista;
- Diário de campo.

Estes instrumentos são básicos da pesquisa de campo, podendo-se usar um ou mais, conforme a necessidade de coleta de dados.

A **observação** é o instrumento que serve a todos os tipos de pesquisa pois trata de uma ação inicial do pesquisador para encontrar seu tema e construir seu objeto de estudo. Portanto toda prática de pesquisa começa com a observação da realidade social ou natural.

No **questionário**, a informação coletada pelo estudioso limita-se tão somente às respostas escritas e preenchidas pelo próprio pesquisado. Trata-se de um instrumento de pesquisa muito popular, utilizado para fins variados.

O questionário é vantajoso por ser um instrumento de coleta de informações relativamente acessível, se comparado aos demais. Por outro lado, as desvantagens aparecem quando o questionário, não sendo bem formulado, conduz à incompreensão e compromete as respostas. Ainda que com boa vontade, o pesquisado pode interpretar erroneamente uma pergunta e comprometer sua validade.

I - REFERÊNCIAS INICIAIS

A referência corresponde ao conjunto das fontes escritas que serão utilizadas para a pesquisa.

Indica-se uma referência para início de estudo, ou preliminar. No decorrer da pesquisa outras fontes serão consultadas e deverão constar nas referências finais. Para o projeto serão necessárias pelo menos **três** referências.

Exemplo:

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**, 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1991.

ARTIGO

APRESENTAÇÃO

“Artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento.” (ABNT. NBR 6022, 2003, p. 2)

Para Lakatos e Marconi (1991) os artigos científicos têm as seguintes características:

- a) são publicados em revistas ou periódicos especializados;
- b) permitem ao leitor, por serem completos, repetir a experiência.

O artigo científico pode ser:

a) **Original ou divulgação:** apresenta temas ou abordagens originais e podem ser: relatos de caso, comunicação ou notas prévias.

b) **Revisão:** os artigos de revisão analisam e discutem trabalhos já publicados, revisões bibliográficas etc.

É apresentado segundo a linguagem e método próprios de uma área da ciência e, de modo geral, com uma estrutura lógica de argumentação, apresentando inicialmente o problema ou objetivo da investigação, o conjunto de hipóteses, as possíveis soluções do problema ou modos de se atingir o objetivo, uma descrição dos métodos e técnicas utilizados, uma análise dos resultados obtidos, uma conclusão que aponta qual hipótese foi verificada experimentalmente.

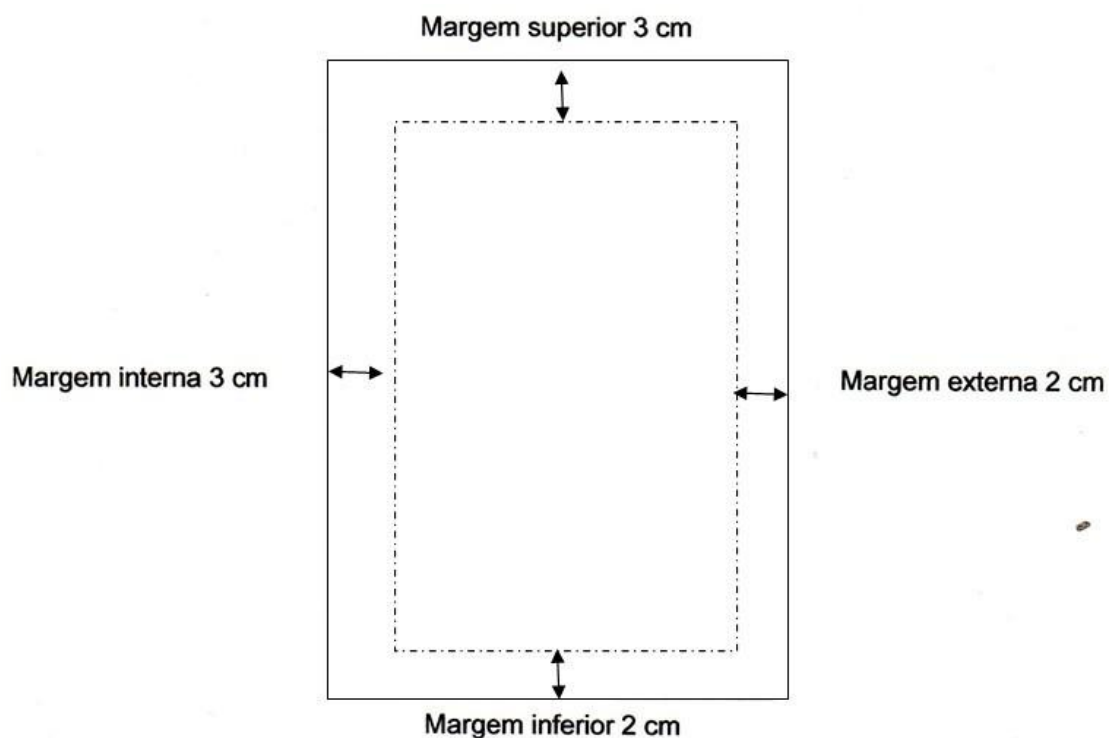
As orientações aqui apresentadas são baseadas na norma da ABNT para apresentação de artigos científicos impressos: a NBR 6022, 2003. Essa norma apresenta os elementos que constituem um artigo científico. Todavia ao submeter um artigo científico à aprovação de uma revista, o autor deve seguir as normas editoriais adotadas pela revista. (FRANÇA et al., 2003, p. 59)

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO ARTIGO

Os aspectos técnicos do artigo precisam ser seguidos em todos seus detalhes para que se atenda ao rigor que se exige de todo trabalho acadêmico e científico. Daí a necessidade de estruturá-lo em conformidade com as normas e configurações propostas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

➤ PROJETO GRÁFICO

O formato do papel utilizado em trabalhos acadêmicos deve ser A4 (21 cm x 29,7 cm), branco, e o texto (em cor preta) deve ser impresso em conformidade com o seguinte padrão:



➤ FORMATAÇÃO

A formatação seguirá o listado abaixo salvo algumas exceções que serão tratadas adiante:

▪ TEXTO:

- ✓ Fonte 12;
- ✓ Parágrafos entre 1 a 1,5 cm;
- ✓ Espaçamento entre linhas de 1,5 cm;
- ✓ Espaço justificado;

▪ TÍTULOS:

- ✓ Fonte 14;
- ✓ Negrito;
- ✓ Alinhado à esquerda;
- ✓ Caixa-alta (todas em maiúsculas)

EXCEÇÕES:

- Os títulos da **Capa** e da **Folha de rosto** terão fonte 16.
- Os títulos Resumo e Sumário serão centralizados.

• SUBTÍTULOS:

- ✓ Fonte 12;
- ✓ Negrito;
- ✓ Alinhado à esquerda;
- ✓ Caixa-alta (todas em maiúsculas)

O uso de itálico no texto deve ser evitado, devendo ser utilizado apenas em termos científicos e palavras estrangeiras. Use as aspas nas citações de até três linhas e o negrito (ou as aspas) em palavras que deseja destacar.

➤ **ESPAÇAMENTO**

O Texto deve ser digitado com espaçamento entre linhas de 1,5 pts. As citações longas, as referências e o resumo devem ter espaçamento simples.

Seções o fim de cada seção (texto) deve ser separado do início de outra por um espaço de 1,5 pts. No início de cada seção (após os títulos e subtítulos) usa-se um espaço de 1,5 pts.

Usa-se também um espaço de 1,5 antes e depois das citações diretas longas, antes e depois de figuras.

Nas referências usa-se espaçamento simples (1 cm) entre linhas e um espaço duplo (2 cm) entre as obras.

➤ **INÍCIO DOS PARÁGRAFOS**

Os **parágrafos** devem ter início com um avanço de 1,0 ou 1,25 centímetros na régua superior, com relação à margem esquerda.

➤ **PAGINAÇÃO E QUANTIDADE MÍNIMA DE PÁGINAS**

A numeração das páginas deve aparecer a partir da introdução. A capa não deve ser contada, mas o restante sim. O número deve ser colocado no alto da página, no canto direito.

O artigo deve ter no mínimo **15 páginas**.

Observe no exemplo como deve ser a paginação:



Formatação do Projeto de Pesquisa e do Artigo

ELEMENTO	ESPECIFICAÇÃO	
Papel	Branco, A4 (21 cm x 29,7 cm).	
Fonte	Arial, cor preta.	
Parágrafo	<p>O deslocamento da primeira linha de cada parágrafo é de 1,0 a 1,25 da margem esquerda.</p> <p>Não separar os parágrafos com espaço e evitar deixar uma única linha isolada no início ou no final de uma página. O texto deve estar com margem justificada.</p>	
Número de páginas	Mínimo QUINZE e no máximo VINTE ETRÊS páginas	
Tamanho da fonte para o texto	12	
Espaçamento das entrelinhas para o texto.	1,5	
Espaçamento Resumo, referências e citações longas	Espaço simples.	
Citações de mais de três linhas	Espaço simples, fonte 10, recuo de 4 cm da margem esquerda.	
Espaçamento entre títulos e texto	Separados por um espaço 1,5.	
Espaçamento entre títulos das subseções e texto	Separados por um espaço 1,5.	
Margens	Superior e esquerda: 3 cm Inferior e direita: 2 cm	
Numeração de página	Em arábico, no canto superior direito.	
Numeração progressiva para as seções	Seção primária	1
	Seção secundária	1.1
	Seção terciária	1.1.1

ESTRUTURA DO ARTIGO

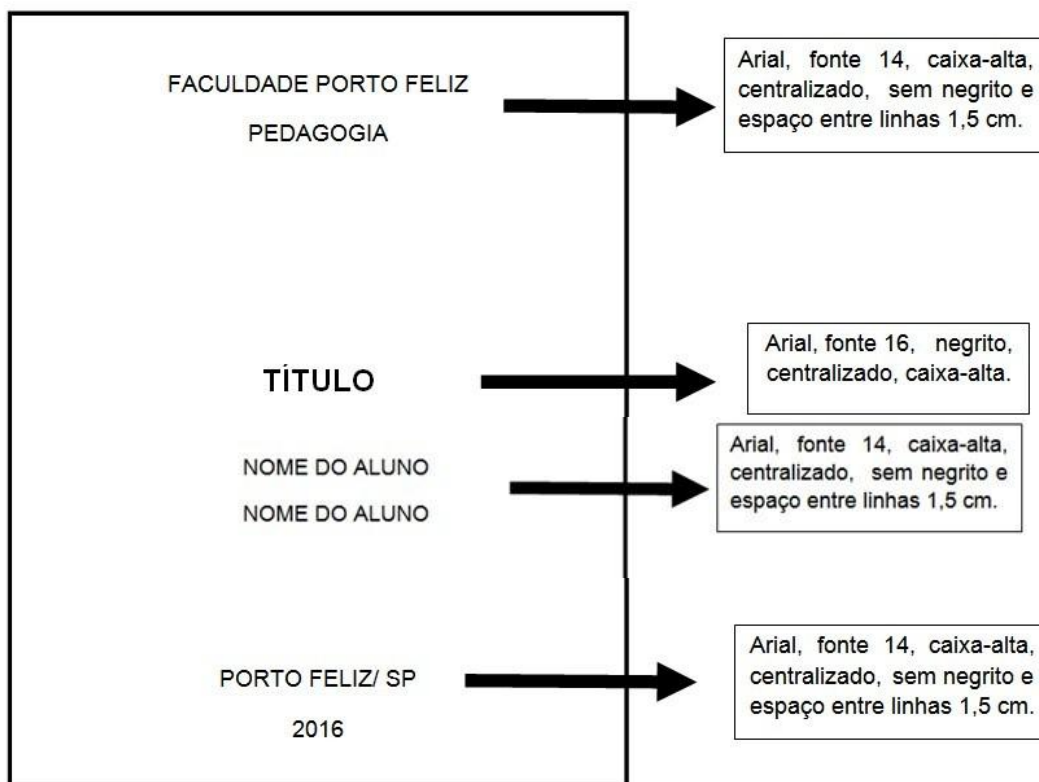
Um trabalho científico é dividido basicamente em três partes:

- Elementos pré-textuais: capa, folha de rosto, resumo e sumário.
- Elementos textuais: Introdução, desenvolvimento (capítulos) e considerações finais.
- Elementos pós-textuais: referências e anexos.

- ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

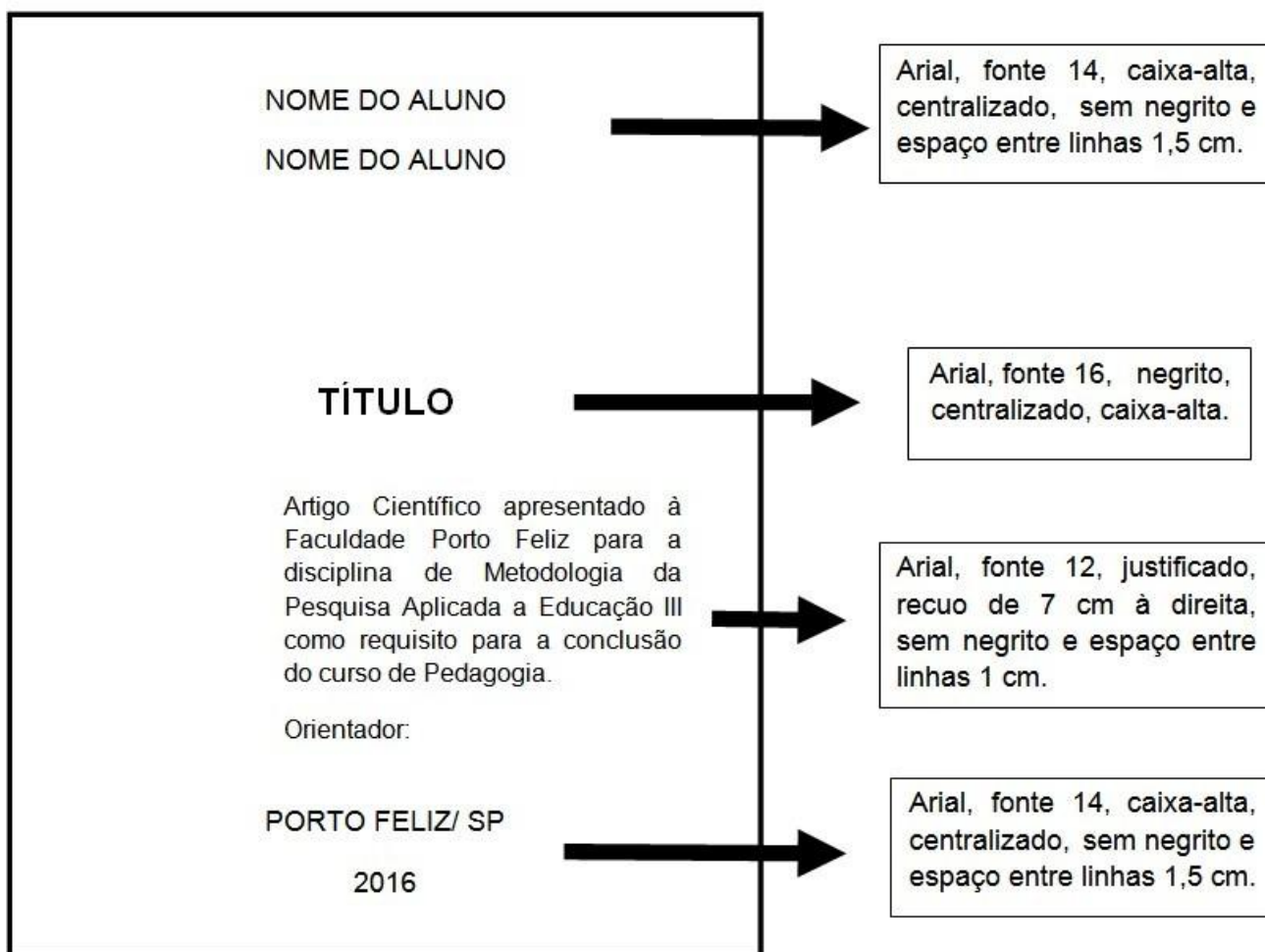
CAPA

A capa é utilizada como proteção externa do trabalho, normalmente padronizada pela instituição de ensino, e deve conter as seguintes informações: instituição, autor, título, subtítulo (se houver), cidade e ano. **A CAPA NÃO CONTA COMO PÁGINA DE SUA MONOGRAFIA.**



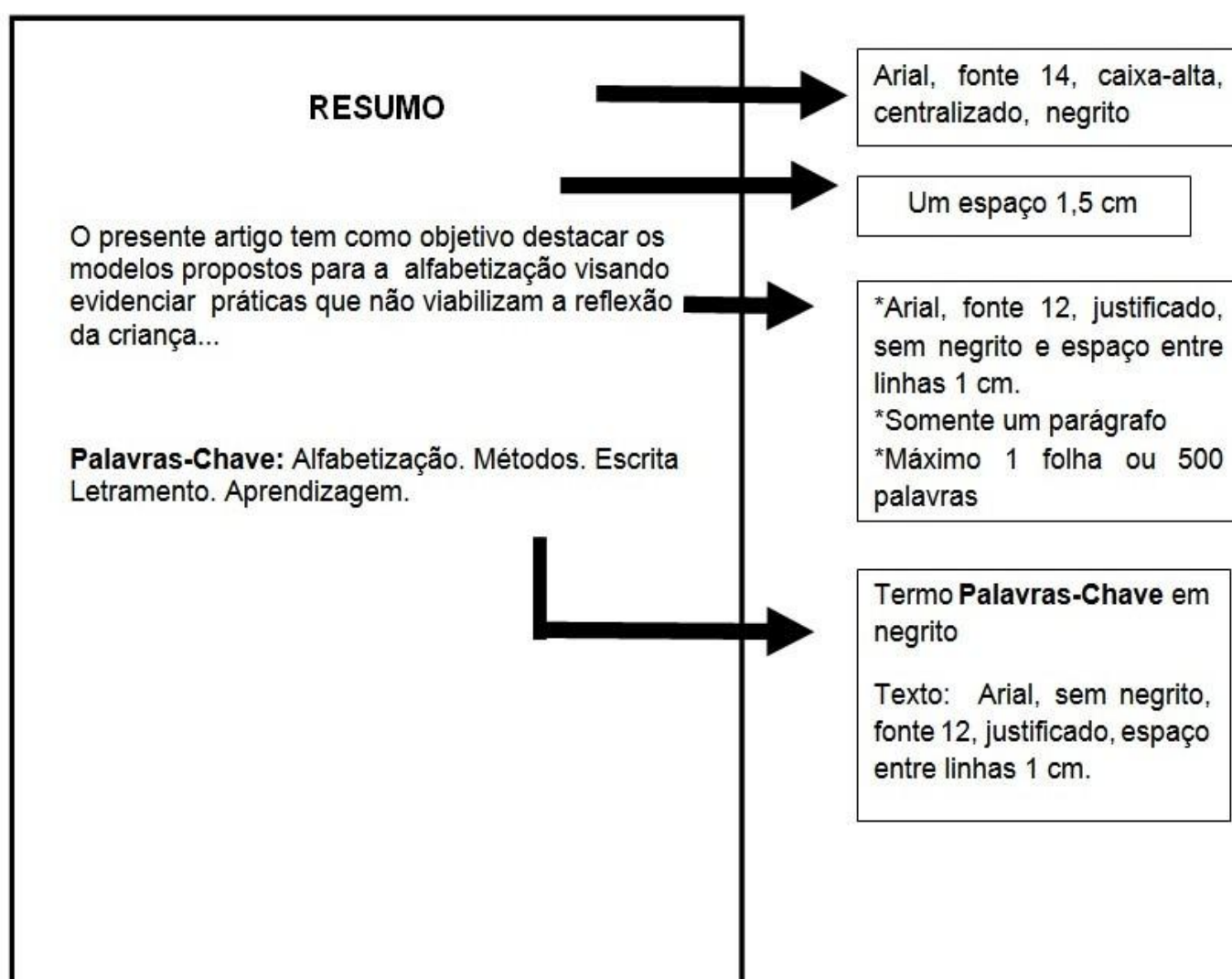
FOLHA DE ROSTO

A folha de rosto contém elementos que são essenciais à identificação do trabalho, devendo estar de acordo com a capa. Nessa folha deve constar também a natureza do trabalho (neste caso monografia), o seu objetivo e o nome do (da) orientador(a).



RESUMO

Consiste na apresentação concisa dos pontos relevantes do texto. O resumo deve ser uma visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho. O resumo consiste em uma “sequência de frases concisas e objetivas e não uma simples enumeração de tópicos” (NBR 14.724, 2002, p.4).



SUMÁRIO

O **Sumário** é uma relação das partes do artigo apresentadas na ordem em que se sucedem no texto e com indicação da página inicial. Sua composição é sempre provisória, pois, ao longo da elaboração do trabalho, os capítulos poderão desdobrar-se em títulos e subtítulos ou em outros capítulos. Ou então, o estudante-autor achará conveniente acrescentar apêndices e até anexos.

Obs: não se deve confundir Sumário com Índice e com Lista.

▪ Índice é uma enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos, etc, com a indicação de sua localização no texto.

▪ O índice aparece no final da obra.

SUMÁRIO	
1	INTRODUÇÃO..... 04
2	DESENVOLVIMENTO 06
2.1	Conceito Alfabetização..... 07
2.2	Métodos de ensino..... 10
2.3	Reflexões sobre o alfabetizar..... 13
3	PESQUISA DE CAMPO 14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 16
	REFERÊNCIAS 17

Arial, fonte 14, caixa-alta, centralizado, negrito

Subtítulos

- Fonte 12, sem caixa-alta;
- Recuo 1 cm

Títulos

- Fonte 12, caixa-alta;
- Espaçamento entre linhas 1,5 cm

ELEMENTOS TEXTUAIS

INTRODUÇÃO

A introdução fornece uma visão panorâmica do trabalho e motiva o leitor para a leitura do texto, por isso precisa ser um texto claro e objetivo. Contém o que se pretende com o artigo. Por isso deve começar com um parágrafo de apresentação do trabalho. Deve destacar o assunto da pesquisa, a problemática, o objetivo, a relevância do assunto e a metodologia empregada. A introdução deve expor, de forma breve, as partes do trabalho, demonstrando o seu ordenamento lógico, o que permite a fluidez da leitura e a compreensão do assunto por uma pessoa que não seja um “especialista” da área. (FACCAMP, 2009)

Nesse item, deve entrar a apresentação do tema e sua importância para o autor, situando o leitor sobre o contexto e o que vai ser desenvolvido durante o restante do texto. É interessante começar contando sobre qual foi a questão concreta que norteou a pesquisa empírica e porque ela é relevante para a sociedade e para a construção do conhecimento da sua área. Lembre-se que esta é uma das fases mais trabalhosas do trabalho científico, pois é nela que buscamos definir o problema, o objeto de estudo e os temas a serem pesquisados. Portanto, deve-se ler bastante sobre o assunto de interesse a pesquisar, além de se realizar uma boa revisão da literatura que permita organizar uma seqüência lógica, tais como: conceitos gerais para os mais específicos, uma linha do tempo sobre o assunto, visão global do problema para uma mais regional e local, entre outras possibilidades. (FACCAMP, 2009)

Ainda na introdução, é importante apresentar as leituras e as referências bibliográficas, pois servem para informar ao leitor os conceitos abordados e as fontes consultadas para obtenção de seu embasamento teórico, permitindo ao leitor mais curioso descobrir outros autores que trabalham em tal temática. (FACCAMP, 2009)

Ao final da exposição da metodologia deve-se colocar uma indicação do que contém cada capítulo. Por exemplo: No capítulo I, pretende-se descrever o Tema percebido no cotidiano. No capítulo II, almeja-se tecer considerações sobre a conceituação do Tema segundo a opinião de diversos autores... e assim por diante.

Depois de elaborado os capítulos, retorna-se à Introdução para verificar se o que foi proposto está contemplado no desenvolvimento do tema, em cada capítulo. Por esse motivo dizemos que a Introdução é provisória, pois estará em constante reelaboração até estar coerente com os capítulos e dizer claramente o que o artigo pretende esclarecer.

É na introdução que o autor chama a atenção do leitor para o seu trabalho, despertando-lhe o interesse para leitura do mesmo. Por isso precisa ser um texto claro e objetivo.

DESENVOLVIMENTO (CAPÍTULOS)

O **Desenvolvimento** do tema é realizado em capítulos e nestes pode-se considerar itens e sub-itens, a critério do autor, conforme queria dar uma explicação mais minuciosa, ou se o capítulo exigir uma subdivisão.

Elaborando o Capítulo I: o senso-comum

No início devemos nos atentar ao cotidiano, na nossa experiência de vida, as primeiras idéias para elaborar um tema, estamos exercitando a prática de relacionarmos o que aprendemos na escola com a realidade vivenciada, com a nossa prática social.

O Capítulo I é escrito a partir da observação da realidade natural, e social e demonstra a maneira como vemos a realidade proposta pelo tema. Esta é vista com nosso conhecimento de senso comum que é formado pela quantidade de informações que possuímos adquiridas da leitura de jornais, revistas, das que são veiculadas pelo rádio e TV e pela experiência de vida.

Neste capítulo fazemos uma descrição do que percebemos da realidade. Descrever é dizer a respeito das coisas tais como são. A descrição do fato percebido é feita utilizando nosso código restrito, mas devemos fazê-lo de forma que se tenha uma imagem clara do fato a partir do texto escrito. O código restrito, segundo Fourez (1995,

p. 18), é a linguagem do dia-a-dia, útil na prática e que não leva adiante todas as distinções que se poderia fazer para aprofundar meu pensamento... fala do como das coisas, do mundo e das pessoas...

O Capítulo I é uma preparação para os Capítulos II, III, pois nestes vamos nos apropriar do conhecimento científico para sairmos do conhecimento de senso comum, da observação vulgar. Ou seja, na construção do conhecimento, o ponto de partida é o cotidiano, o senso comum, e o avanço é a busca de conhecimento científico para mudarmos nossa maneira de compreender o mundo.

Elaborando os Capítulos II e III: o estado da questão.

Nestes capítulos, faremos o entendimento do tema. Para isso será preciso realizar uma pesquisa bibliográfica para nos apropriarmos do saber elaborado a respeito do tema. Nesse processo, será possível criar itens e sub-itens aos capítulos para melhor compreender o tema. É importante lembrar que cada capítulo não pode ser apenas mais um ajuntamento de dados sobre o tema, mas é preciso que todos estejam concatenados numa relação lógica e dialética, garantindo a organicidade entre as idéias que explicam o tema.

Os capítulos II e III, têm conteúdos próprios mas, integrados e complementares entre si. O fio condutor que une os capítulos II e III é o sentido explicativo que cada autor propõe para compreensão do tema, através dos conceitos, princípios e teorias que constituem o conhecimento científico. Os autores oferecem possibilidades críticas de percebermos a realidade, diferente daquela que descrevemos com conhecimentos de senso comum.

Ao propor as idéias de outros autores, o aluno vai compondo seu quadro teórico de referência que ao longo dos anos de graduação e da pós-graduação vai lhe dando a oportunidade de definir suas tendências epistemológicas.

Na verdade, o estudante fará uma pesquisa em diversos autores para construir seu conhecimento.

Ao citar autores, o estudante deverá desenvolver um diálogo intelectual com eles. Isto significa que não se trata de copiar os textos, mas de expor as idéias dos autores de forma a clarear a compreensão sobre o tema.

Também poderão ser citadas frases e parágrafos dos autores indicados. Esta é uma estratégia para o desenvolvimento das idéias e, ao mesmo tempo, do texto. A utilizar esse recurso, devemos estar atentos para a norma técnica estabelecida.

As ideias dos autores servem para nos possibilitar a superação do senso comum que utilizamos para ver as coisas e os fatos. Não se trata, pois, de copiar, mas de refletir sobre o que os autores têm a dizer. Com isso, se vai dando a direção que se quer imprimir ao trabalho. Na medida em que se habita o texto, este vai adquirindo personalidade e mostrando o sentido crítico que o estudante-autor quer lhe imprimir.

Citar autores é uma demonstração de que houve leitura e assimilação do texto, além do que o uso de palavras e frases dos autores representa rigor acadêmico e motivação para o avanço do conhecimento. É também a maneira de garantir a fundamentação teórica do trabalho.

A leitura inicial do mundo é ingênua. Com a busca do conhecimento e com a construção do pensamento, adquirimos a possibilidade de ter uma visão crítica do mundo. Nesse sentido, realiza-se um movimento de mudança do senso comum para a consciência filosófica. Entendendo-se o filosófico como ato de pensar, de refletir, de aprender a aprender, de evoluir da consciência ingênua para a consciência crítica. Ou seja, de como o tema será entendido, após a leitura de vários autores e das análises feitas.

A leitura dos autores e a devida reflexão nos possibilitam enxergar a realidade com o uso do código elaborado que procura dizer algo do porquê e do sentido (das coisas). Utiliza-se o código elaborado quando se trata de interpretar os acontecimentos, o mundo, a vida humana, a sociedade (FOUREZ. 1995, p. 19 - 20).

Pretende-se com este capítulo que o estudante – pesquisador seja capaz de demonstrar a evolução do seu pensamento a respeito do tema estudado.

Este capítulo não é, portanto, a conclusão do trabalho, mas a demonstração do avanço científico e acadêmico do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a parte final do trabalho, nela se condensa a essência do conteúdo. Aqui, o autor deve reafirmar seu posicionamento exposto nos capítulos precedentes.

É preciso perceber que a conclusão é do artigo e não do Tema. Por isso tem como conteúdo um texto que chame a atenção do leitor para que ele perceba que a proposta da Introdução ficou garantida nos capítulos e que as idéias não estão fechadas, mas apresentam aberturas para continuidade do estudo.

REFERÊNCIAS

Relação das obras que foram utilizadas para elaboração do artigo. Deve ser indicada segundo as normas técnicas da ABNT.

a) Livros, monografias, catálogos, manuais, etc.

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Edição. Cidade de publicação: Editora, ano.

ALLEN, C. L. **A psiquiatria de Deus:** fórmulas seguras para se conseguir e manter a saúde mental e espiritual. 5. ed. São Paulo: Bethânia, 1981.

BORBA, Francisco da Silva. **A língua e o uso.** São Paulo: Ática, 1995.

DICAS:

a) Não é necessário escrever a palavra "editora", pois se subentende que é isso (a editora) que vem depois da cidade onde foi publicado e depois dos dois pontos.

b) Quando a obra citar o tradutor, o nome dele deverá ser colocado logo após o título. Primeiramente coloca-se a palavra tradução, ou abreviada se aparecer na página de rosto seguida de ponto e, logo após, o nome e, por último, o sobrenome, não sendo necessário ser em maiúsculo. Ex. (Tradução de Mauro Pontel / Trad. Mauro Pontel).

c) Quando houver mais de dois ou três autores, separa-se o primeiro autor e os demais por ponto e vírgula. Regra válida para todos os tipos de suportes (livros, teses, periódicos, etc.).

d) Quando tiver mais de três autores faz-se a entrada pelo autor principal e substituem-se os outros pela expressão *et. al.* (entre outros)

b) Retirado da internet

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Disponível em: site. Acesso em: dia mês(abreviado) ano.

BORBA, Francisco da Silva. **A língua e o uso.** Disponível em: <<http://www.gramaticanarede.com.br>>. Acesso em: 19 fev. 1998.

c) Artigos de Periódicos (revistas entre outros)

AUTOR do artigo (SOBRENOME, Nome). Título do artigo. **Título do periódico**, (abreviado ou não), cidade de publicação, v. seguido do número do volume, n. seguido do número do fascículo, p. seguido dos números da página inicial e final, separados entre si por hífen, mês abreviado (se houver). Ano.

MAIA, N. B.; FURLANI, A. M. C. Especiarias, aromáticas e medicinais. **Boletim Técnico do Instituto Agrônomo de Campinas**, Campinas, n. 100, p. 75-76, 1996.

d) Artigos publicados em jornal

AUTOR do artigo (SOBRENOME, Nome). Título do artigo. **Título do jornal**, cidade de publicação, dia, mês abreviado. Ano. Número ou Título do Caderno, Seção ou Suplemento, p. seguido dos números da página inicial e final, separados entre si por hífen.

LEITE, F. Ovelhas nascem de ovários congelados. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30jun. 2001. Folha Ciência, p. 10.

e) Legislação

FEDERAÇÃO. **Título da Lei:** Número e data da lei. Cidade, Ano.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

f) APUD (Um autor é citado por outro)

No texto:

“Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma [...]” (LUFT, 1994 apud BAGNO, 2004).

Nas referências:

SOBRENOME, Nome. Título, Ano apud SOBRENOME, Nome. **Título.** Cidade de publicação: Editora, ano.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização, 1981 apud SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2008.

g) Referenciação de publicação com dados incompletos

Na falta de um elemento a ser citado, e tendo certeza deste dado, ele pode ser colocado entre colchetes. Pode-se utilizar também uma data aproximada. (FACULDADES NETWORK, 2002).

1 - [1993?] - para data provável.
2 - [ca. 1963] - para data aproximada.
3 - [196-] - para década certa.
4 - [196-?] - para década provável.
5 - [19--] - para século certo.
6 - [19--?] - para século provável.

7 - [s.d.] - sem data.
8 - [S.l.] - sem local (sine loco).
9 - [s.n.] - sem nome de editor (sinenomine).
10 - [S.n.t.] - sem local, sem editora e sem data.

Exemplos fictícios:

FERREIRA, M.A. **História da evolução:** dos primórdios à atualidade. [S.n.t].

AS CITAÇÕES

Trata-se de uma menção, no texto, de uma informação colhida em outra fonte. Pode ser numa transcrição direta ou uma paráfrase, de fonte escrita ou oral. As citações são elementos (fragmentos, frases, parágrafos, etc.) retirados dos documentos pesquisados durante a leitura e que se revelam úteis para sustentar o que o autor afirma ao longo de seu raciocínio. “As citações bibliográficas devem ser: exatas, precisas e averiguáveis por todos. Através delas é possível identificar e localizar a fonte” (SEVERINO, 1992, p. 85).

- CITAÇÕES DIRETAS

Em citações diretas com mais de três linhas, o texto citado deve ter um recuo de 4 cm da margem esquerda, fonte 10, espaço interlinear simples e não conter aspas.

Observe exemplo:

Para viver em sociedade, necessitou o homem de uma entidade com força superior, bastante para fazer as regras de conduta, para construir o Direito. Dessa necessidade nasceu o Estado, cuja noção se pressupõe conhecida de quantos iniciam o estudo do Direito Tributário. (MACHADO, 2001, p. 31).

Importante observar que nas citações diretas deve-se colocar o sobrenome do autor (em letra maiúscula), o ano da publicação da obra e o número da página onde foi retirado o texto.

As **citações diretas**, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

Exemplo:

Bobbio (1995, p. 30) com muita propriedade nos lembra, ao comentar esta situação, que os “juristas medievais justificaram formalmente a vaidade do direito romano ponderando que este era o direito do Império Romano que tinha sido

reconstituído por Carlos Magno com o nome de Sacro Império Romano”.

- CITAÇÕES INDIRETAS

Citações indiretas (ou livres) são a reprodução de algumas ideias, sem que haja transcrição literal das palavras do autor consultado. Apesar de ser livre, deve ser fiel ao sentido do texto original. Não necessita de aspas.

Exemplo:

De acordo com Machado (2001), o Estado, no exercício de sua soberania, exige que os indivíduos lhe forneçam os recursos de que necessita, instituindo tributos. No entanto, a instituição do tributo é sempre feita mediante lei, devendo ser feita conforme os termos estabelecidos na Constituição Federal brasileira, na qual se encontram os princípios jurídicos fundamentais da tributação.

Conforme visto *supra*, nas **citações indiretas**, diferentemente das citações diretas, não é necessário colocar o número da página onde o texto foi escrito.

REFERÊNCIAS DA APOSTILA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA & E NORMAS TÉCNICAS. **NBR -6023.**

Referências

Bibliográficas. Rio de Janeiro, agosto 1989.

_____. **NRB – 6027 – Sumário e NRB- 6028 – Resumos** Rio de Janeiro, 1989/1990.

_____. **NRB – 10520 – Apresentação de citações em documentos.** Rio de Janeiro, abril, 1992.

BARBOSA, Derly . **Manual de Pesquisa: metodologia de estudos e elaboração demonografia.** São Paulo: Expressão & Arte, 2006

FACULDADES NETWORK. **Manual de normas para elaboração do trabalho científico:** primeira versão. Nova Odessa: Fac. Network, 2002.

FOUREZ . G. **A construção das ciências.** São Paulo: EduNESP, 1995

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica,** 3ª ed., São Paulo:

Atlas, 1991.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Referências Padrão ABNT**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Biblioteca Prof. Joel Martins. Disponível em: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/suporte.html>. Acesso: 21 set. 2007.

SANTOS, Gildenir Carolino; PASSOS, Rosemary. **Como elaborar um TCC**. Campinas, SP: Graf. FE, 1999. Disponível em: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/tcc.html>. Acesso em: 01 jul. 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20^a ed., São Paulo: Cortez Editora, 1996.